

as paixões mesquinhas e sanguinárias, pela brandura, pela doçura dos gestos daqueles que procuram, ainda, realizar os pequenos sonhos, as grandes descobertas, aprender com o Cristo a doçura dos gestos e das palavras.

Acreditando na sua "doce missão de Amor", a Autora toma para si a responsabilidade de reconduzir o homem; daí o tom doutrinal, catequisador, evangelizador da "boa palavra" que o seu discurso guarda. Através dos seus atos educativos que, por força da repetição, hão de elevar e redimir a criatura diante de si mesma, a Autora quer fazê-la aproximar-se d'Aquele que ilumina e orienta para a grandeza dos pequenos gestos.

No decorrer o texto, é bastante freqüente o aparecimento da idéia luz e que se manifesta diversamente através de vocábulos como: iluminar (iluminado, iluminou, luminoso, etc.), sol, luz, reflexo, acender, ou através da própria negação ou ausência da luz: sombras, trevas, ocaso, etc.

"As existências não se medem pelos relógios que 'dividem às horas e os minutos', mas pelas ações iluminadas pela solidariedade humana" (FI, 1937:13).

"Os pequenos e humildes acendedores da Esperança (...) fazem a maravilha de vitalizar a chama da Ilusão, para iluminar salutares pensamentos de bem-estar" (FI, 1937:32).

"Basta ao seu desmedido, incontentável Egoísmo, gozar da doçura da sombra, sentir a proteção contra a inclemência do sol que cresta, mas vitaliza, dando às criaturas toda a pujança da sua individualidade" (FI, 1937:34).

"(Anchieta) criou, entre nós, os primeiros núcleos, donde irradiaram as luzes primeiras da instrução e da moral" (FI, 1937:196).

Se os sentimentos mesquinhos — ódio, destruição, egoísmo — sitiam nas trevas "as criaturas do séc. XX" (FI, 1937:

130); se elas gostam de viver "às sombras, ditas protetoras" (FI, 1937:90); se o egoísmo "nega-lhes a luz, para tudo quanto não seja elas mesmas" (FI, 1937:94), não se pode, segundo a Autora, assistir passivamente a este "ocaso de civilização" (FI, 1937:73). É preciso iluminar o caminho dos jovens; a consciência do mestre há de ser uma lâmpada que ilumina o caminho que leva à estabilidade da moral social; "o professor tem que ser mais que instrutor (...) (tem que) ser o sol" (FI, 1937:106), pois o encanto da vida "consiste em iluminá-la sempre!" (FI, 1937:103) quer pela palavra — "sábua e cheia de luz" (FI, 1937:136) — quer pela ação, pelo "trabalho luminoso do mestre" (FI, 1937:93), pelas ações iluminadas pela solidariedade.

Dada a sua múltipla proclamação, a idéia luz assume a identidade de metáfora, não pelo rigorismo da sua definição lingüística, mas pela sua funcionalidade dentro do texto. Ainda que não tenham, quaisquer dos temas arrolados (o farrapo, o vermelho, a doçura, a luz), o rigor estético da metáfora é inegável a idéia da transubstanciação que por eles percorre. Ademais, trata-se, **Farrapos de idéias**, de um texto emergente ao qual, talvez, não se possa aplicar o rigorismo estético que se aplica a um texto consagrado¹⁹.

Outras imagens percorrem **Farrapos de idéias** e, embora não sejam muito repetidas ou recorrentes, no conjunto revelam que a Autora, apesar de ter optado pela clareza e ênfase necessárias à catequese, não desconhece a função estética da linguagem e sob esta ótica, Le Guern diz que "a função estética da linguagem não se limita à expressão literária: é também a manifestação da preocupação habitual e louvável de o falar ser um bom falar, e mesmo se for possível, um falar elegante (...);

mantém em geral uma intenção utilitária por pouca que seja" (1974:112).

A preocupação de que fala Le Guern é particularmente forte em Antonieta de Barros e, pela fidelidade à catequese ou pelo prazer que pode proporcionar, a Autora, ainda, recorre às Antíteses, não só nos vocábulos, como já foi visto, mas na composição de frases e orações.

6. A antítese

O que vimos no processo de duplicação de nomes e verbos em oposição procurou demonstrar o antagonismo, sobretudo, em vocábulos próximos na estrutura frasal: verbos e nomes. Aqui, busca-se uma ampliação daquelas antíteses, sobretudo, nas idéias, no pensamento, na mensagem que pretende atingir o leitor. E se lá vimos — "Passa-nos, na tela maravilhosa do pensamento, os dias vividos, toda a glória ou toda a derrota" (FI, 1937:51) — a oposição flagrante entre "glória" e "derrota", por exemplo, aqui o que veremos — "Nem todos os que existem vivem" (FI, 1937:13) — é a oposição na idéia que a frase transmite sem que os vocábulos, por si mesmos, denotem a oposição.

Antítese, para M. Câmara, "é uma figura de sintaxe, pela qual se faz a contraposição simétrica de palavras ou expressões de significado contrário, para — a) pôr um relevo a oposição entre elas, b) obter um impressionante efeito paradoxal" (1981:53).

M. Moisés diz que é uma "figura de estilo segundo a qual se aproximam dois pensamentos de sentido antagônico (...) Na

antítese, a oposição das idéias confere a ambas a ênfase que desconheceriam caso fossem enunciadas isoladamente" (1985:30).

Figura de sintaxe ou de estilo, o fato é que por palavras e idéias, a Autora procura demonstrar e contestar as contradições vividas e manifestadas pelos atos e pensamentos humanos. A antítese funciona como um instrumento capaz de fazer o leitor meditar sobre a sua condição.

"Há, sempre, falhas que limitam as possibilidades humanas (...) e até mesmo o querer não significa poder" (FI, 1937:23).

"A fatalidade leva o homem à guerra, para, numa passividade pasmosa, bater-se pelos sonhos alheios" (FI, 1937:36).

"E batem palmas, quando desejam atirar pedras" (FI, 1937:45).

"Nem tudo acaba com a morte" (FI, 1937:63).

"Querem a paz. A guerra é a mais negra e terrível das fatalidades, todavia armam-se" (FI, 1937:86).

O encontro com a sua própria individualidade é o que Antonieta de Barros mais deseja para o homem a quem ela se dirige e é pela formação de uma personalidade íntegra que ela trabalha pelos meios que já conhecemos. É por isso que ela enfatiza as falhas, as diversidades, a falta de integridade e de individualidade deste mesmo homem que ela deseja reconheça-se e busque fugir à domesticação, à alienação que algumas atitudes coletivas — como a guerra — provocam quando a elas se empresta apenas a força bruta.

Revelando por meio de palavras, frases, expressões ou orações os antagonismos humanos, a Autora despe o homem da sua certeza de poder sempre realizar, apenas e tão somente, pelo uso da força física, pelo seu querer egoísta e mesquinho.

Despindo-o, revela que as armas utilizadas — pedras, guer-
ras, — para alcançar o alvo, nem sempre definido, revelam as
limitações próprias dos seres inferiores, que têm embotado o
desejo de ascensão espiritual. Definindo-lhe o perfil e devol-
vendo-lhe a identidade perdida nas agruras da existência: "Es-
ta passagem tormentosa a que chamamos vida, nem todos a vi-
vem" (FI, 1937:189), Antonieta de Barros procura, finalmente,
cobri-lo com o manto, um pouco esfarrapado, um pouco utópico,
da possibilidade de grandes realizações quando se aprende a
canalizar forças para o engrandecimento das atitudes coleti-
vas que visam atingir a Humanidade, o homem por inteiro: o
Preventório, a Educação.

Tudo o que ela procura despertar nos outros, primeiramen-
te, realiza, certa de que com o seu exemplo, outros lhe se-
guirão os passos, como ela seguiu os passos e exemplos de al-
guém; certa de que "nem tudo acaba com a morte", assim como
não acabaram com a morte os passos que ela seguiu e tentou,
pela partilha, pela imitação, pela adaptação, pela comunhão,
continuar.

Notas e Referências Bibliográficas

- 1 O Programa de Ensino da Escola Primária (Grupos Escolares e Escolas Isoladas) oficializado pelos Decretos 796 de 02/05/1914 e 2.218 de 24/10/1928, insistia na necessidade de o professor "obter respostas completas que sejam a reprodução exata das sentenças utilizadas na cartilha" (a citação se encontra nos dois decretos, sem qualquer alteração), ou seja, o aluno deveria iniciar sua resposta repetindo o final da pergunta. Insistia, ainda, na necessidade de o professor fazer com que o aluno recomeçasse "melhorando (por este modo, devido à repetição)" o exercício feito (Dec. 2.218 de 24/10/1928). Dessa forma, o ensino-aprendizagem passava pelo "recordar" e "repetir" até o reconhecimento completo ou até que o resultado fosse satisfatório. Era um processo lento e gradual que, embora não permitisse a memorização detalhada e servil de "compêndios ou mesmo apontamentos fornecidos ou ditados pelos professores" (Art. 60, decreto 795 de 02/05/1914), ainda guardava resquícios deste mesmo processo, visto que exigia a repetição como forma ou norma para a aprendizagem.
- 2 Em alguns textos, em Apêndice, a Autora critica a falta de oportunidade que priva a mulher catarinense de acessar à formação superior. Ela própria é vítima da falta de oportunidade.
- 3 Exceção feita à última crônica que não foi encontrada. Já sugerimos uma possível causa para isso, na nota 8 do capítulo primeiro.
- 4 **A Bíblia Sagrada** (Trad. Pe. Antônio Pereira de Figueiredo). Rio de Janeiro, Ed. Barsa, 1968. p.1.
Na tradução para **La nueva Biblia Latinoamericana** (Madri, Ediciones Paulinas, 1974), o mesmo versículo apresenta a seguinte redação: "Dijo Dios: 'Haya luz', y hubo luz".
Na **Vulgatae**: "Dixitque Deus: 'Fiat luz'. Et fact est lux".
- 5 A conceituação do termo Logos remete em N. Abbagnano, por exemplo, à essência, à divindade; M. Rosental e P. Iudin o conceituam como "pensamento, conceito, palavra, razão" (**Pequeno dicionário filosófico**, S. Paulo, Livraria Exposição do Livro, 1959, p.335).
- 6 MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo, Cultrix, 4.ed., 1985.
- 7 CÂMARA JR., J. Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática**. Petrópolis, Vozes, 9.ed., 1981.
- 8 DUBOIS, Jean, GIACOMO, Mathée, GUESPIN, Louis et alli. **Dicionário de lingüística**. São Paulo, Cultrix, 1978.
- 9 Leia-se formação religioso-pedagógica, visto que Ingenieros é a base pedagógica; a Bíblia, a base religiosa.

- ¹⁰ Exemplos de ênfase na repetição da mesma expressão:
 "alamedas interiores": "Ele (Cristo, o devassador das 'alamedas interiores'" (FI, 1937:14)
 "É que as "alamedas interiores" são, sempre, fechadas aos profanos" (FI, 1937:54)
 Aparece, ainda, às p.94 e 124 com a mesma expressão e tendo por sinônimo "mundos interiores" nas p.25 e 97.
 "ascensão": "a vida (...) tem que ser fatalmente, a ascensão espiritual" (FI, 1937:13)
 "Descobrir-se a si mesmo é realizar-se, é ascender, é procurar, na incontentabilidade, a força vitalizadora da ascensão" (FI, 1937:69).
 As páginas 123, 137, 179 e 182 também registram o termo.
 "quid divino": "falta-lhes o quid divino" (FI, 1937:21)
 "sufocando na alma o quid divino lá existente, dão liberdade à besta fera" (FI, 1937:27)
 Tendo por sinônimo "parte divina": p.52, 106 e 131; "parte vibrátil e sensível": p.71 e "migalha da divindade"; p.99.
 "escalada deslumbradora": p.17, 24, 37, 71, 90, 96, 110, 114, 133, 160, 179 e 182.
 "rebanho de domesticados" (ou apenas "rebanho", "domesticados", "domesticação"): p.37, 78, 81, 105, 107, 158 e 197.
 Há outras expressões que se repetem, como por exemplo: "consciência da individualidade", "integralização do ser na sua individualidade", "Humanidade melhor", "tutelas", "sombrias", "muletas", "acotovelamento", "superioridade humana" e "paixões que agitam a vida".
- ¹¹ A estilística estuda a expressão na sua "capacidade de fixar e atrair a atenção alheia em referência ao que se fala ou escreve", ou seja, estuda a expressividade da linguagem, isto é, a capacidade de emocionar e suggestionar". Assim a entende e se expressa M. Câmara nos verbetes "Expressão" e "Estilística", 1981:114 e 110, respectivamente.
 Por sua vez, Massaud Moisés, confessa que a retórica é uma arte que usa a "linguagem com vistas a persuadir ou influenciar" (1985:430).
 Atraindo seu leitor pela repetição, Antonieta de Barros, procura sugerir, emocionar e fazer comungar dos sentimentos e idéias que possui, ao mesmo tempo em que procura persuadir, influenciar e atuar nas transformações.
- ¹² CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2.ed. 16. reimpr. 1985.
- ¹³ Ver nota 1.
- ¹⁴ A questão do limite entre a comparação (explícita) (ou propriamente dita) e o símile, onde termina uma e começa o outro, parece não estar bem definida. Onde, por exemplo, enquadrar as comparações deste tipo?
 "Desaparece como bolhas de ar, tudo quanto não tiver suas raízes na consciência das massas" (FI, 1937:61)
 "E depois, como tudo o mais (...) (os balões) se queimam ou se perdem" (FI, 1937:102).

São comparações simples ou assimilativas (símiles)? Parece que na arregimentação de recursos lingüísticos e/ou estéticos para a composição de um texto, nem sempre o autor obedece às normas do fazer lingüístico ou literário e daí resultam, talvez, os grandes desacertos de se tentar enquadrar autor e obra dentro de uma visão mecânica e determinada. Às vezes, pode soar "forçado".

- 15 LE GUERN, Michel. **Semântica da metáfora e da metonímia**. Porto, Coleção Universitas/Telos, 1974.
- 16 Segundo Aurélio Buarque de Holanda (nota 7, cap. I), entre outras definições, "Livro" é uma "reunião de folhas ou cadernos, soltos, cosidos ou por qualquer outra forma presos por um dos lados, e enfeixados ou montados em capa flexível ou rígida" (1975:847).
- 17 Ver Aurélio B. de Holanda (1975:612).
- 18 "Quando, do caos, surge a flor azul do ideal concretizado fica na alma (...) a mágoa por tudo quanto não conseguiu realizar" (FI, 1937:24).
 "A flor 'azul do Ideal' nunca lhes enfeitará os dias" (FI, 1937:179).
 "Não conseguiu fazer desabrochar, na alma das criaturas a branca flor da bondade" (FI, 1937:87).
 "O Cavaleiro andante do Ideal sente reacender-se-lhe, no íntimo, a labareda sagrada do sonho" (FI, 1937:25).
 "A alma humana (...) tem reflexos dourados de esperança, na mais mentirosas das auroras" (FI, 1937:181).
- 19 A funcionalidade que a idéia luz guarda em **Farrapos de idéias**, parece haver correspondência com a idéia **branco** dos sonetos de Cruz e Sousa:
 "Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
 de luares, de neves, de neblinas!..." (Antífona)
 "Brancuras imortais da Lua Nova,
 frios de nostalgia e sonolência...
 Sonhos brancos da Lua e viva essência
 dos fantasmas noctívagos da Cova." (Flores da Lua)

4. CONCLUSÃO

Ao final desta que pode ser considerada a primeira leitura da obra *Farrapos de idéias*, chegamos às seguintes conclusões:

1) Estamos diante de uma obra que, passados mais de 50 anos, desde a data da sua primeira publicação, mantém-se acen- tuadamente moderna e pulsante, porque nela está inserida a criatura humana com todos os problemas que gravitam em torno da sua condição, sejam eles de ordem física, espiritual, moral ou social; uma obra que mantém viva a preocupação com o bem-estar geral do indivíduo e do grupo; uma obra que procura ensinar e conduzir, ainda quando está a aprender e a buscar os caminhos percorridos pelos homens notáveis gerados pela Huma- nidade.

2) No que diz respeito à formação cultural, à educação po- pular, preocupação central na obra, este não poderia ser um tema mais atual, visto que ela toca profundamente no cerne de todos os problemas educacionais atuais. Autora e obra apon-

tam, sugerem soluções viáveis, mas que demandam a coragem daqueles que podem viabilizá-las.

3) Diante da atualidade dos temas de **Farrapos de idéias**, sentimos que lhe falta um estudo aprofundado, e que dever-se-ia publicar toda a obra da Autora, visto que ela contribui registrando fatos culturais, políticos, sociais da sociedade catarinense de uma época e isto comprova a sua importância para a cultura catarinense.

4) Deixá-la ainda desconhecida do grande público pelo fato de ter escrito apenas "um livro" ou "um livro" que não guarda exclusivamente preocupações estéticas e literárias, mas que as apreende em todos os níveis — talvez, para este fato, a crítica especializada não tenha despertado ainda — é um desagravo à memória cultural de um povo.

5) Mesmo optando pela clareza na catequese, **Farrapos de idéias** mostra preocupações com o discurso estético, haja vista a constante presença da ênfase, no decorrer do texto, que se manifesta nas duplas, tríades e polienumerações de elementos verbais e nominais.

6) **Farrapos de idéias**, apresenta, também, ao lado de todo o discurso evangelizador, um discurso simbólico que remete a metáforas, das quais, a mais expressiva recai, justamente, sobre o próprio título da obra que se abre em possibilidades antagônicas e convergentes: "farrapo" é estado ou qualidade da criatura decaída, corrompida; e "farrapo" é cada uma das partes dos "tecidos" (morais e teóricos) que concorrem para a confecção do manto que revestirá esta mesma criatura quando em estado de ascensão.

7) A par do que se pode ler na obra desta Autora emergente, percebemos que os autores desconhecidos, ou os autores de "um livro", constituem importante parcela na vida cultural de uma sociedade, talvez a mais interessante, pois, uma vez que não estão atrelados à "cultura oficial" ou "oficializada" ou "erudita", eles, ao que tudo indica, "filtram" com maior isenção os aspectos da vida cotidiana e contribuem fortemente para a formação e a sedimentação da cultura da qual tomam parte.

5. BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. (Trad. Alfredo Bosi). 2.ed. São Paulo: Mestre Jou, 1985.
- BERDIALES, German. Maestros del idioma. 11.ed. Buenos Aires: Editorial Kapeluz, 1950.
- A Bíblia Sagrada. (Trad. Pe. Antônio Ferreira de Figueiredo). Rio de Janeiro: Livros do Brasil, 1962.
- A Bíblia Sagrada. (Tradução João Ferreira de Almeida). Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- BOUYER, L. Dicionario de teología. (Trad. Francisco Martínez). Barcelona, Espanha: Editorial Herder, 1983.
- CÂMARA JR., Mattoso. Dicionário de lingüística e gramática. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 1981.
- CÂNDIDO, Antônio. Literatura e sociedade. 7.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.
- COELHO, Teixeira. O que é utopia. São Paulo: Abril/Brasiliense, 1987.

- COLÔNIA, Carmem Linhares. Relatório de 1941 da "Sociedade de Assistência aos Lázaros e Combate à Lepra" em Santa Catarina. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1941.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- Decreto 794 de 02/05/1914 - Regulamento geral da instrução pública. Joinville: Typ. Boehm, 1914.
- Decreto 795 de 02/05/1914. Regimento interno dos grupos escolares do Estado de Santa Catarina. Joinville: Typ. Boehm, 1914.
- Decreto 796 de 02/05/1914. Programa dos grupos escolares e escolas isoladas do Estado de Santa Catarina. Joinville: Typ. Boehm, 1914.
- Decreto 2.218 de 24/10/1928. Programa de ensino dos grupos escolares, escolas isoladas, escola normal e escolas complementares. Florianópolis: Typ. Livraria Moderna, 1928.
- DUBOIS, Jean; GIACOMO, Mathée; GUESPIN, Louis et alii. Dicionário de lingüística. São Paulo: Cultrix, 1978.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. 1.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- FIORI, Neide Almeida. Aspectos da evolução do ensino público. Florianópolis: Secretaria da Educação, 1975.
- FOUCAULT, Michel. "Sobre a arqueologia das ciências". In: Epistemologia e pensamento contemporâneo. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.
- História do pensamento - Das origens à Idade Média -. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

- INGENIEROS, José. Las fuerzas morales. Buenos Aires: Santiago Rueda - editor, 1951.
- JESUALDO. 17 educadores da América (los constructores, los reformadores). Montevideo, Uruguay: Ediciones Pueblos Unidos, 1945.
- La nueva Bíblia Latinoamericana. Madri: Ediciones Paulinas, 1974.
- LE GUERN, Michel. Semântica da metáfora e da metonímia. Porto: Coleção Universitas/Telos, 1974.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia estrutural dois (Trad. Chaim Samuel Katz). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 45, 1976.
- MARIA DA ILHA. Farrapos de idéias. 1.ed. Florianópolis: Ed. do Autor, 1937.
- _____. Farrapos de idéias. 2.ed. Florianópolis: ETEGRAF, 1971. (Homenagem Póstuma)
- MANNHEIM, Karl. Ideologia e utopia. (Trad. Sérgio Magalhães Santeiro). 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- MASSAUD, Moisés. Dicionário de termos literários. 4.ed. São Paulo: Cultrix, 1985.
- MOSIMANN, Adriano. "A missão do professorado primário". In: Revista de educação. Florianópolis, nº 4 e 5, julho a outubro de 1936.
- NASCENTES, Antenor. Dicionário de língua portuguesa. 1.t. Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: Departamento da Imprensa Nacional, 1961.

- PIO XI. Carta encíclica "Divini Illius Magistri", de 1929. Sobre la educación cristiana de la juventud. 2.ed. México: Ediciones Paulinas, 1967.
- PLATÃO: Vida e Obra. In: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- RAMOS, Nereu. Discursos. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1943.
- ROCHA, Everardo P.G. O que é mito. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ROSENTAL, M. e IUDIN, P. Pequeno dicionário filosófico. São Paulo: Livraria exposição do livro, 1959.
- SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- Sociedade "Eunice Weaver" de Florianópolis. Mantenedora do "Educandário Santa Catarina". Apostila datilografada, 1977.
- VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. Ética (Trad. João Dell'Anna). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- Vulgatae.

6. APÊNDICE

As páginas que seguem agrupam os textos esparsos encontrados nos jornais pesquisados entre 1920 e 1952, e que não foram incluídos em nenhuma das duas edições de **Farrapos de idéias**.

No cotejo entre as crônicas do livro e as do jornal **República** não foram detectadas diferenças ou mudanças significativas dignas de nota. Quanto aos textos esparsos, o cotejo não foi possível uma vez que não encontramos outra versão impressa.

Nosso objetivo, aqui, é permitir a leitores, pesquisadores e estudiosos da literatura e da cultura catarinense, um pronto acesso a um número maior possível de textos da Autora.

A transcrição procurou ser fiel ao texto-base, mas foi atualizada de acordo com o sistema ortográfico oficial (1943 e 1971) e, sem descaracterizar, em momento algum, o texto da Escritora, suprimiram-se consoantes dobradas, acentos gráficos em vocábulos como: este, ele, somente; atualizou-se o uso de

"ç"/"s", "s"/"ç", etc.; corrigiram-se erros óbvios ou tipográficos, e as palavras ou expressões que suscitaram dúvidas foram mantidas acompanhadas de um sic. Não procedemos a notas explicativas a cada atualização, supressão ou correção feita porque: primeiro, o trabalho não tem por objetivo central uma edição crítica; segundo, os casos atualizados prendem-se a normas ortográficas adotadas pela Autora de acordo com a época da sua vigência e podem perfeitamente ser resgatadas através dos manuais e dos guias ortográficos; terceiro, as "correções" foram mínimas porque os textos guardam uma linguagem bastante atual, sem estrangeirismos (raras exceções que foram mantidas como se apresentavam) ou fatos lingüísticos próprios da época.

Foram respeitadas a paragrafação e a pontuação do texto-base, mas com fins à uniformidade nas transcrições, não foram levados em conta, em algumas crônicas, os sinais gráficos (*, -, x) que separavam blocos de períodos, bem como as aspas ("") que marcavam o início de algumas delas. Uma vez que a maioria das crônicas iniciava pelo título "farrapos de idéias", normalmente disposto em caixa-alta, adotamos, com fins ainda à uniformidade, numerar cada uma delas, de acordo com a ordem cronológica de aparecimento nos jornais, e em nota, colocar o nome com o qual a Autora assina, o título da crônica entre aspas, a fonte, ou seja, o jornal onde foi encontrada e a sua respectiva data.

Dessa forma, cremos ser possível, aos futuros leitores deste estudo, seguir o mesmo trajeto e determinar novos e importantes dados sobre o texto de Antonieta de Barros e que não foram aqui arrolados.

Os textos foram agrupados em CRÔNICAS (porque traziam quase que invariavelmente o título de "Farrapos de idéias"), DISCURSOS (porque se referiam ao trabalho político realizado em duas fases: 1935-36 e 1948-49) e OUTROS (porque não eram uma crônica ou um discurso proferido na Assembléia Legislativa).

Assim, foi reunida aqui uma produção bastante numerosa que merece e está a pedir leituras abalizadas e atentas.

7. C R Ô N I C A S

1

A multidão é, sempre, um ser acéfalo.

Age, levada pela onda de entusiasmo, ou de ódio, de alegria, cujo movimento tem princípio numa voz que, sempre, encontra eco.

E essa voz atua reperente e se transmite e domina a multidão, como se cada indivíduo fosse o elo de uma grande cadeia, junto do qual houvesse passado uma centelha.

Todo sentimento humano, quando transmitido ao povo, com a voz do coração, invade-lhe a alma, como o vento em casa de janelas escancaradas.

Reunidos pela curiosidade, os homens se agitam ao sabor das falas dos que vibram por um sentimento qualquer, e se tornam água do mesmo mar, raios oriundos de um só foco, iluminando ou destruindo segundo as vibrações do foco, donde emanam.

E essas falas eletrizantes, possuídas de um entusiasmo gritante e comunicativo, arrastam a massa e fazem-na espoucar em gargalhadas ou em vaías, bater palmas ou atirar pedradas.

E cada um desses homens, capaz de se tornar incendiário, capaz dos maiores absurdos, é, isolado, um ser pacato que teme, as mais das vezes, um gesto desabrido, uma palavra menos polida.

Ninguém resiste ao horrível contágio das multidões.

E, por isto, tão somente por isto, não se lhe pode crer
nem no ódio que lhe arma o braço, nem na alegria que lhe re-
benta em palmas e chuva de flores.

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". Folha Acadêmica,
19 de agosto de 1929.

2

A vida, cadeia de ilusões que preenche todo o desejo do menos ambicioso coração.

E, porque todo homem assim a quer, a ela se agarra com a ânsia infinita, com vontade firme de alcançar o rosário de ilusões múltiplas que a entretecem, e lhe anestesiam a alma, e alcatifam a estrada íngreme e dificultosa.

Ilusão vem! Ilusão vai! ...

E, entre elas, o rápido e fugitivo instante de um desencanto que o poder fascinante de outros sonhos abafa, sufoca, mata.

E o coração humano, ávido de mais vida, encontra, nesta "berceuse", todo o encanto e a razão de viver...

Mas, se, imprevidente, ou num movimento involuntário, mesmo, olha, por alguns momentos o que já passou, há de, com tristeza, sentir e notar, como o poeta:

"é um cemitério a estrada, a custo percorrida;"
 "jazem nele ilusões e sonhos do Passado"
 "- O cadáver do Ideal que se buscou na Vida!"

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". Folha Acadêmica, 16 de outubro de 1929.

Dona Bernardina Camaleão, filha do finado Amaro Camaleão, é uma das senhoras com quem muito gosto de conversar.

Não é que eu seja de natural conversadora, mas D. Bernardina tem a maravilhosa qualidade, para bem, de ser pedante.

Conversar com pessoas que sofrem deste mal, é-me, infinitamente, agradável:

Se se pudesse caricaturizar o dicionário, humanizá-lo e feminilizá-lo, devia ser com a figura de D. Bernardina Camaleão.

Gordona, baixota, bochechuda, aqui e ali, no rosto umas perquinhas e enfeitá-lo, parece um volume do Pequeno Dicionário de Figueiredo, última edição.

E ela, com todo o seu pedantismo, o seu empolamento, e a sua melosa literatura à Escrich, é bastante simpática.

Muita vez, entre risonha e séria, recebo seus "amplexos" e os seus "ósculos" e muito me distraem as suas palestras, à moda de aula ou doutrina, em que extravaza todos os seus conhecimentos enciclopédicos, aliás, colhido numa velha e sebo-sa enciclopédia do ovô, que Deus tenha lá.

Vezes, porém, é duma simplicidade de arrepiar os cabelos, chegando às raias da estupidez.

Há dias fui vê-la. Estava triste: destroncara um pé.

— Mas, como foi isso D. Bernardina? perguntei interessada.

— Pois, minha jovem, ontem quando o sino tocava melancolicamente o angelus, encaminhava-me para o meu lar.

No passeio, estes horríveis e altos passeios, ao meu flanco esquerdo, vinha um pecorrucho de um lustro presumível. Não sei explicar-lhe como, todavia, a verdade é que pus o pé em posição dúbia, e senti ia obedecer, inevitavelmente a lei da gravidade, isto é, ia cair. Se tal acontecesse, o pequenino rolaria no lodoso leito da via pública, o que poderia ser fatal.

Para evitá-lo, elevei a minha vontade à quintessência e vim cair, junto à porta da casa da tia Maricota, destroncando o pé.

— Oh! Mas isso é puro altruísmo, D. Bernardina! disse-lhe sorridente.

E ela olhando-me com os olhinhos miúdos a piscarem muito:

— Ah! é?! A vizinha aqui do lado me disse que era nervo torto???

Nota: Maria da Ilha. "Altruísmo". *Folha Acadêmica*, Novembro e dezembro de 1929.

4

Bendito seja o que ameniza as estradas íngremes e pedregosas da vida, com a doçura do Sonho e a semente da Ilusão!

Benditas sejam as mãos dadivosas e ocultas que a cada passo nos refrigeram a alma, sedenta e incontentável com os frutos da sua sabedoria!

Bendito seja o que dulcifica as dores e cicatriza as chagas da alma!

Mas benditos sejam os que compreendem o hino de ternura, existente no sorriso da criança e o infinito de tortura em cada lágrima de desgraçado!

E o que sonha e realiza; e o que acaricia os humildes e protege os infelizes! ...

E o que faz nascer dos gemidos e dos ais, hinos de bênçãos e alegrias, e o que transforma torrentes de lágrimas em cascatas de sorrisos e felicidades!

E o que abençoa a dor, e amaldiçoa o mal!

E o que luta e morre, engolfado no Sonho, sentindo toda a doce tortura da alegria de viver! ...

Nota: Maria da Ilha. "Benedicite!" Folha Acadêmica, julho de 1930.

5

Minha amiga:

Quando, ontem pela manhã, a minha folhinha me lembrou a data do seu aniversário, fiquei a pensar, se dentro da vida, da amargura da vida, valerá a pena fazer anos.

A vida é tão curta, mas a estrada é sempre tão dolorosa.

E a gente, a cada passo, a sentir o horror dos pés em sangue, a alma em fel e os olhos doridos das lágrimas.

Retroceder não é possível: dado o primeiro passo só se pode avançar.

Avançar, sempre, até o fim, embora a cada instante se sinta o horror da caminhada.

A estrada é longa e poeirenta, e há os que vão e os que vêm, num vai-e-vem, constante e barulhento, sempre no mesmo ritmo, na mesma aridez.

E os ouvidos não se habituariam à música guaiada dos ventos da dor e da desgraça, que sopram incessantemente sobre as criaturas.

Nos rápidos e fugidios instantes de repouso, os olhos gulosos, olham o tudo sorridente que divisam ao longe.

E no desejo de alcançá-lo, emprestam ao corpo novas forças, para seguir, embora a cada passo, se sintam o horror dos pés em sangue, a alma em fel e os olhos doridos de lágrimas.

Pensando nisto, ontem pela manhã, quase não lhe mandei os parabéns.

E, como ontem, ainda pergunto:

Dentro do infinito amargor da vida, valerá mesmo a pena fazer anos?

Nota: Maria da Ilha. "Do meu canto". **A Semana**, 4 de setembro de 1930.

6

Minha amiga

Aterraram-me as suas idéias pessimistas.

E isto porque, das inteligências invulgares, como a sua, sempre pensei só se colhessem triunfos.

Pessimismo é uma grande derrota.

Os pessimistas são os eternos vencidos na vida.

E eu, para não sê-lo, aboli o Destino e a Fatalidade.

Ambos são tábua de salvação daqueles que temo o combate (sic.).

Combato, porque todo o mal tem e deve ser combatido. E a melhor profilaxia é a morte do Destino e da Fatalidade.

Com estas duas entidades, o ânimo abandona as criaturas, como as folhas deixam as árvores na estação do outono.

Vazia de vontade, vendo em tudo as artimanhas, do indesejável Destino e o dedo da impiedosa Fatalidade; a vida é a horrível estagnação. E a estagnação é a morte.

Diga-me você, que sonha e pensa, se não é só na sua revolta, mas suas arremetidas para as alturas, nos seus desafios às montanhas, que o mar, a imagem da vida e das criaturas, mostra toda a majestade da sua grandeza vital.

A Felicidade nos foge, me diz você.

Mas não descobriu por quê?

Porque as criaturas não compreenderam, ainda, que cada uma delas tem de ser o Deus do seu próprio destino, usando o infinito poder dado por Aquele que é infinitamente grande ao infinitamente pequeno.

Porque a Felicidade depende toda ela duma integralização radical, subjetiva, e a Humanidade, na grande maioria, foge dessa integralização.

Já estou a ver-lhe o sorriso cético, como a me perguntar pelos infelizes.

Mas, minha grande pessimista, todos os infelizes o são por ignorância, por uma incompreensão deplorável da adaptação da criatura com a existência.

Na vida há tanta coisa linda que os cegos voluntários não vêem!

Como sempre, ex-corde

Maria da Ilha.

Nota: Maria da Ilha. "Do meu canto". A *Semana*, 11 de setembro de 1930.

7

Carlos de Aguiar viera, como de costume, visitar-me.

Enquanto conversávamos, quis adivinhar na sua voz, as asperezas duma contrariedade, reprimida a custo, e, na sua fisionomia, havia um quê de imbecilidade, desconhecido até então, para mim.

E, quando, a rir, lhe falei da sua extraordinária cara de quem "fora atropelado por um auto" ou vira um "cousaruim", ele falou:

— Na verdade, estou imbecilizado. Recebi uma carta hoje, que assim me deixou.

E, passando o charuto para a mão esquerda, enquanto, com a direita, desabotoava o casaco e mexia no bolso interior.

— Você conhecia o Antunes, pois não?

— Não soube do desastre de avião, ontem à tarde? Não foi acaso, foi suicídio.

E diante do meu assombro:

— Pois matou-se o Antunes e, na última hora, escreveu-me uma carta.

- Leia, - disse passando-me um envelope de fino papel lilás, com frisos doirados — e veja se não é razoável esta minha cara de atropelado. Eu li:

"Meu amigo:

Quando esta carta chegar às tuas mãos, já terá transposto a porta do Mistério, à cata do Desconhecido, quem a escreveu.

Quero que saibas, porém, ela me é franqueada pela minha soberana vontade.

Não procures no meu gesto, nem as costumeiras tragédias passionais, nem fracasso na vida, nem uma loucura passageira.

Estou senhor de mim, com uma calma absoluta. Tenho 30 anos e sou um homem feliz. Vivi sempre na vanguarda, e tudo quanto quis, realizei, graças àquela vontade em que tu e todos dizeis invencível.

Mas, aos 30 anos, parece mentira, estou farto de viver.

Entendi que, se os que procuram zombar da morte tornando a vida elástica, não são por isso criminosos, o verso da medalha, isto é, liquida-la, quando a ela nada nos prende, quando não se é nem pai, nem filho, nem irmão; quando a vida se nos apresenta, como uma grande blague e até a fé se perdeu, não pode, também, ser crime.

Não rias da minha lógica.

Lançar mão do revólver ou do veneno não me agradava, são meios banais.

Exigia a minha vaidade que a banalidade do meu gesto tivesse alguma cousa a atenuá-la. Sabes o que fiz? Comprei um avião, fiz-me piloto. A aprendizagem foi longa, mas eu a fiz com carinho.

Hoje, às 5 horas, subirei, subirei só, mas subirei muito.

Subirei tanto que hei de ter a ilusão de ir, nesta viagem, descobrir novos mundos, situados para lá do Sonho, para lá da Vida ...

Depois, de ter, assim, galgado o Azul, abandonar-me-ei.

A descida será rápida. E eu, naufrago voluntário da imensidade azul, assim afogado neste azul de Sonho, franquearei as portas do "Mistério", à cata do Desconhecido.

Os jornais falarão deste desastre, é possível, é natural. Só tu saberás a verdade. Contudo não me lastimes, pois que à sombra dos ciprestes negros que orlam as grandes alamedas do Nada, sorrirei feliz, vendo sorrirem os velhinhos e as crianças, com o conforto, dado por todos os meus bens.

É por isso que te escrevo. Na gaveta da minha secretária, tudo encontrás em ordem, para a satisfação deste meu desejo.

Muito grato, teu

ANTUNES "

O meu rosto, refletido no espelho grande da sala tinha o mesmo ar imbecil que eu notara, momentos antes, no de Aguiar.

Maria da Ilha

Nota: Maria da Ilha. "À cata do Desconhecido". *A Semana*, 18 de setembro de 1930.

8

A alma humana, a mais cética, a mais prosaica, a mais experiente e filosófica, tem reflexos doirados de esperança, na mentirosa das auroras — a que marca a vinda de um novo ano.

E todos nós, as crianças grandes, nos sentimos transportados ao mundo, diabolicamente rico dos sonhos, e nos encontramos a pedir e a esperar um sem-fim de cousas lindas!

Oh! a alma confiante das crianças grandes! ...

Como é mentirosa a aurora do Ano Novo, em que cada qual constrói, com carinho e desvelo, castelos formidáveis, que as outras auroras, num silêncio, infinitamente grande e eloqüente; as outras auroras, dentro da vertiginosa pressa com que o tempo passa; as outras auroras, menos mentirosas, mas mais impiedosas destroem, derrubam, arrasam, pulverizam, e o vento da desilusão espalha, completando-lhes a obra! ...

Como é enorme o poder desta aurora feiticeira, que nos faz esquecer toda a grande luta em que os homens se engolfam uma vida inteira; que nos faz conceber, embora por instantes rápidos, a fantasia duma harmonia perfeita, entre as criaturas, harmonia de que resultaria o mais sábio preceito da justiça: "Daí a César o que é de César!"

A vida não teria uma razão de ser, se não houvesse esta

incerteza; este desejo muito humano, de ascender; esta incontabilidade que a transforma num jogo de cabra-cega, onde à procura de qualquer coisa que nos faltará, sempre, infinitamente sempre, que chamamos — FELICIDADE.

Todavia, valem um bem à alma torturada do que sonha, e do que luta, as radiosas mentiras, com que nos acena a aurora de Ano Novo.

Que importa sejam elas mentiras?

Que importa os homens se saturem de egoísmo?

Que com eles sufoquem todos os idealismos são?

Que transformem os 365 dias em outros tantos sepulcros para o tudo arquitetado, com o carinho e a paciência do artista, existente em cada criatura?

Olha-se, embora entristecidos, para os destroços dos sonhos perdidos, e tem-se a suprema ventura ou coragem suprema de apegar-se à esperança de uma nova aurora, mentirosa e feiticeira, portadora das concretizações, inatingidas, quase sempre.

E assim, seguindo o conselho do Mestre, recomeça-se.

É o eterno e rápido rodopiar na sucessão dos ciclos vitais das criaturas.

Nota: Maria da Ilha. "Reflexões". *A Semana*, 02 de janeiro de 1931.

Esta crônica vem assinada por Iara da Ilha, mas há um erro tipográfico, pois a mesma está em *Farrapos de idéias* (1937), p.181-2, a qual, por sua vez, apareceu em *República*, no dia 01 de janeiro de 1932, com o acréscimo de um parágrafo inicial: "Se Deus, por um acaso qualquer, negasse ao homem o poder de sonhar, a graça divina de esperar, a vida não valeria a pena de ser vida. A alma humana,..."

Voltando, uma noite destas, da casa de uma amiga que fazia anos, encontramos com o major Chico Madruga. E ele, amigo que é duma prosinha, não nos dispensou a companhia:

— Oh! Assim se chega à casa sem sentir, disse o Major, levantando apressadamente, com as mãos enluvadas, a gola do sobretudo.

Vínhamos a falar nesses mil nada's com que se procura matar o tempo em tais ocasiões, quando ao voltarmos uma esquina, vimos ao longe um vulto que com passo incerto, ziguezagueando, vinha pelo outro passeio. Era um ébrio. Passou por nós a falar baixinho, ruminando as mágoas e as cóleras que o álcool acende e faz crepitar...

O som do seu arrastar dos passos, no passeio, àquela hora da noite, tinha um não sei quê de enervante.

Penalizados ante aquela ruína de homem, que por nós passara, pusemo-nos a falar nesse vício terrível e suas fatais conseqüências.

O major é já velhusco; tem o nariz levemente acurvedo e usa óculos fumados, tão escuros que nunca lhe pude saber a cor dos olhos. Todavia, graças ao seu hábil alfaiate, que magistralmente lhe corta e faz à almofadinha, é, ainda, um homem bem apessoado. Tem o gênio muito alegre e gosta de fazer espírito com tudo e por tudo. Não o sensibilizou aquele encontro.

— É natural e comum um homem beber. Os que não bebem, formam, hoje, exceção. De mais a mais, disse ele cofiando o cavanhaque já grisalho, se nos formos penalizar e boquiabrir por tudo o que nos parece torto... adeus! adeus! E filosofou: cada um sempre o que Deus determina.

O silêncio, que se seguiu as suas palavras mostrava, de modo eloqüente, a má impressão por elas causadas. Mas o major Chico não é homem que por pouco se cale. Vendo que ninguém dizia palavra, ele, a sorrir continuou:

— Este infeliz me faz lembrar um amigo de meu pai, que Deus haja. Se não me engano, chamava-se José Maria da Silva.

Era uma inteligência, como bem poucas tenho visto; alto, magro, tinha as feições regulares e os olhinhos que brilhavam de gaiatice e esperteza. Depois, desgostos da vida jogaram-no nas garras da embriaguez. Tinha porém, uma particularidade: somente bebia vinho.

Não havia um só de seus amigos que não procurasse meios para convencer de que não devia mais beber. Às vezes, calava-se; outras, replicava-lhes:

"É inútil. Sou um homem infeliz e desgostoso; só no vinho encontro o paladar. Deixar de bebê-lo é ver a morte de todas as minhas impressões gustativas".

E, quando assim falava, os seus olhinhos miúdos riam doidamente. Depois de uma pausa o Major prosseguiu:

— Uma noite, num café, o doutor Tomaz e outros apertaram-no num círculo vivo de conselhos.

Mas, José Maria logo deu parte de vencido e jurou não mais beber. Ficaram todos satisfeitíssimos por terem triunfado.

Imaginem agora o que fez o peralta! À tarde do outro dia, foi encontrado no mesmo café, com uma grande mamadeira

cheia de vinho!...

— Que é isso, José? perguntou-lhe o primeiro que deu com aquela extravagância.

— Ora que é!? Eu me explico, eu me explico. O doutor Tomaz me fez prometer que não mais beberia; e, eu cumpro a palavra: agora não bebo, — mamô!"

Embora não quiséssemos, tivemos de rir. O Major riu de verdade e, ainda a rir, de nós se despediu, pois, felizmente, havíamos chegado.

(1927)

Nota: Antonieta de Barros. "O 'espírito' de José Maria". **A Pátria**, 19 de fevereiro de 1931.

10

Finados... dia dos mortos... dia da grande fraternidade, porquanto sô a Dor irmana as criaturas.

Dentro do tumulto da vida, o homem, que ainda não se tornou pó, tem um dia, para pensar nos que em pó já se tornaram, revertendo ac Nada, donde saíram.

E, insensivelmente, é se levada a meditar em o Nada que fomos, que somos e que seremos...

Neste dia dolorido, enquanto o coração se debruça, religiosamente, sobre o passado, revivendo, com carinho, os entes queridos, roubados pela força inevitável, ao nosso convívio, as saudades, fluidificadas, espalhadas pelos cantos da alma, espiritualizam-se, e sobem aos céus, na doçura da prece, e, muita vez, corporificam-se na unção da lágrima...

Ó homem! que te cega a ciência, envaidece o poder, e te orgulha o ouro, detém-te, neste dia, e olha e medita a razão de ser da vida. — na última derrota, ou verdadeira conquista!...

Ó homem do século, que conquistaste as terras, os mares e os ares, que o saber te elevou aos píncaros deslumbrantes do maravilhoso, pára um instante, desce da tua divindade e lembra-te, por segundos, pelo menos, de que és pó e em pó te tor-

narás.

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". **República**, 01 de novembro de 1931.

"Instrui ao menino no caminho em que deve andar; e até quando envelhecer, não se desviará dele."

Prv. 22

A civilização avança e a humanidade não melhora.

A educação doméstica cumpria instruir os pequenos de hoje, sobre possíveis escolhos que irão encontrar na longa jornada, onde, as mais das vezes se entra, como que brincando, desastradamente, o jogo de cabra-cega.

Seria formar uma geração de desencantados?

Não. As lições da experiência paterna seriam dulcificadas pelo carinho, que desfaria, poliria as rugosidades existentes.

Os desencantos, colhidos vida em fora, não provêm do conhecimento real da humanidade, mas das decepções que a sua maldade nos proporciona, a cada instante.

Custam-nos um sem-fim de tristezas e amarguras, os choques violentos com a realidade, quando nalma pululam sonhos soberbos, a par da mais profunda ignorância do avesso das criaturas.

Se a providência e experiência dos velhos lhes esclarecessem o caminho, mostrando-lhes, na via tortuosa, o lado, onde não é rosa a cor, os homens do futuro seguiriam, porque pre-

cavidos, mais firmes, e mais felizes, fugindo à aridez dos desencantos, alicerçando uma humanidade melhor.

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". *República*, 06 de dezembro de 1931.

"Aos infelizes. Remete-se grátis a quem o pedir, enviando o endereço e selo para a resposta, um livro, no qual encontrarão o necessário, para conseguirem realizar qualquer desejo justo."
(Da República, de ontem.)

O mais rudimentar conhecimento da psicologia humana prevê a falibilidade deste anúncio.

É fatal inúmeros tenham sido os pedidos.

O homem se torna, progressivamente, egoísta.

Embora desfrute dum relativo bem-estar, vença, alcance glórias, não se satisfaz.

Falta-lhe, sempre, o X da felicidade integral, que não é possível alcançar, no torvelinho infinito das paixões, que constituem a vida.

Os idealistas são criaturas, vivendo uma época que não é a sua.

Adiantaram-se em demasia. Pregam doutrinas que os homens, engolfados numa egolatria profunda, não compreendem, e de que os mais avançados riem.

Que fazer se o pior cego é o que não quer ver?

Assim pensando e vivendo, construindo um mundo, onde só ele habita, o homem em geral, não olha os meios, por onde deve chegar, ao que supõe, no instante presente, a sua felicidade.

Para alcançá-la, passará por cima de todos os obstáculos, derruirá, se para tanto for preciso, a relativa ventura de todos os seres, porque o grito de fraternidade do meigo Rabi — Amarás ao próximo, como a ti mesmo — não pode humanamente, ser ouvido.

É um cavaleiro andante, não do ideal, mas do egoísmo.

Eu imagino o infinito de cartas que deve ter recebido este engenhoso vendedor do caminho da felicidade, a troca de selos.

Os homens, na sua grande incompreensibilidade da ventura, como se ela não consistisse numa integral adaptação com a existência, são os eternos malcontentes, os eternos ludibriados...

Sendo assim, haverá algum desejo, anseio que, ao homem, em interesse próprio, não lhe pareça justo?

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias", República, 17 de janeiro de 1932.

Civilização e o avesso de
"Tudo nos une e nada nos separa"

À marcha evolutiva dos povos e das sociedades, dá-se o nome de civilização.

Procurando adaptar-se aos códigos e às leis em que ela enfeixa os costumes, os homens vivem em atitudes postiças, como manequins da grande comédia, compenetrados do enorme valor que lhes dá o diploma de civilizados.

Todavia, no fundo, são os mesmos de todos os tempos.

Que o diga o carinho requintado com que aperfeiçoam os instrumentos de destruição, para, quando chegar esse futuro incerto, mas esperado sempre, se devorarem mutuamente! ...

Os povos se agitam, sob uma atmosfera de desconfiança, como se houvesse eternamente pronta, armada uma fogueira, à espera da fagulha, capaz de acendê-la.

Apesar de toda ilustração; apesar de vivermos no século, chamado das luzes, os homens continuam a descrever das lindas utopias, próprias para os compêndios de criança, tais como as decantadas solidariedade e fraternidade humanas.

O Universo, socialmente falando, é regido por um único princípio: "Nada nos une e tudo nos separa."

E o sonhador inexperiente, sondando, por segundos, o in-

finito de maldade que a civilização, apesar de tudo, tem trazido e conservado, sob a sua proteção valiosa, abisma-se, perplexo e indeciso, indagando à sua profunda incompreensão, se esta deusa a que os homens se apegam, e em nome de quem pontificam, do alto do seu trono, não passa de um título pomposo, mascarador de todas as maluqueiras e maluquices duma época...

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". República, 20 de janeiro de 1932.

Dentro da infinita e monôtoma pasmaceira da vida, abre-se um hiato de três dias.

Três dias em que há, em tudo, uma alegria excessiva, barulhenta, gritante...

Guisos, e pandeiros e clarins vibram os ares e o povo procura com o entorpecimento do éter de que se saturam os ambientes, emaranhar-se na fragilidade das serpetinas, que descrevendo hieroglifos, se cruzam e recruzam, como tentáculos do destino.

Carnaval.

A vida sintetisada.

Três dias de ficção dentro da ficção magna da vida.

E a alma humana, oculta, completamente, sob máscaras disformes e grotescas procura abafar e esquecer, submersa, numa onda volumosa de alegria fictícia, a vida que lhe parece, sempre, mã; a vida, cujos instantes bons a gente, involuntária ou maldosamente, esbate na memória, para reter e avivar, tão somente, momentos de amarguras...

"Você me conhece?"

A máxima ironia dos mascarados com máscaras.

Refletirá, porventura, o rosto os dramalhões e as tragédias, aninhadas na alma das criaturas?

Haverá necessidade destes três dias em que, paradoxalmente, há um reinado democrático, numa democracia completa, para que se possa ouvir, a cada instante, o clássico — "Você me conhece?"

O homem, por natureza, identificou-se com a máscara.

Ela é como que um refúgio a toda maldade que o cerca, sitia, empareda.

Dai, quando mesmo desmascarado, fora do carnaval oficial, afivelar ao rosto, as impenetráveis máscaras do orgulho, do amor-próprio, transformando-se, assim, numa esfinge, e impedindo-nos de passearmos, nas alegres ou sombrias alamedas interiores...

Eternamente, num desafio à sagacidade humana, poder-se-ia perguntar: "Você me conhece?"

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". República, 07 de fevereiro de 1932.

Com a pressa com que o tempo passa, a Civilização avança e a Humanidade não melhora.

Os escritores modernos, com exceções muito raras, mergulham a pena no lamaçal em que essa mesma Humanidade se debate, para lhe traçarem o perfil, e trazerem à luz, em letra-de-forma, toda a hediondez encontrada.

Visam procurar na própria fonte do mal, o remédio para a sua destruição.

Muitos, porém, quase a totalidade, o fazem, sem a alta arte precisa, pois que não procuram vestir a verdade com o manto diáfano da fantasia.

Assim, apesar de nobilíssimo o objetivo, nem sempre é ele alcançado, dado que esses trabalhos, muitas vezes caem em mãos de criaturas inexperientes, espíritos incapazes dum pouco de lógica, deixando-se arrastar pelas idéias arrojadas, pelas frases de efeito.

Não combatemos o processo, mas o método, o excesso com que o fazem.

Se a inteligência é o mais lindo dos dotes divinos, por que empregá-la tão mal?

A educação intelectual dos povos encontra no livro a sua mais poderosa força.

Daí a responsabilidade do outro para as coletividades, visto que nem todos conseguem fazer digestão da leitura: muitos se envenenam.

São os próprios homens que depois se riem da falta de cultura e do pieguismo da quase totalidade das mulheres.

Tudo é natural, é o reflexo da falta de comedimento, com que escrevem os artífices da idéia.

A literatura, chamada feminina é escassa, escassíssima.

E, além de minguada ainda vem repleta de pieguismo, pieguices, e virgem, completamente virgem, de idéias.

Literatura para convalescente.

Diante disto, fica-se obrigada a ler baboseiras, ou ler pieguices, ou fazer, como aquele sujeito do Camilo - se não me engano: - abster-se de leitura e comer batatas, para o embrutecimento completo do espírito.

Não cabe, pois, à Mulher a responsabilidade de seu fraquíssimo desenvolvimento cultural, mas a quem a fechou na muralha de preconceitos e lhe escreveu livros, quando as idéias, propriamente ditas, dormiam.

Enfronhando-se nesta leitura oca, fatalmente, conseqüentemente, logicamente, formarão o espírito à sua imagem e semelhança.

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". República, 06 de março de 1932.

16

Não será a tristeza do deserto presente que nos roube as perspectivas dum futuro melhor.

A criatura, ainda que cética, tem de apegar-se inevitavelmente, ao deslumbramento sedutor dum progresso verdadeiro, onde as conquistas da inteligência não se degenerem em armas de destruição, de aniquilamento; onde os homens enfim, se reconheçam fraternalmente.

Quando será chegada esta Canaã feiticeira?

Quem poderá precisar a época?

Talvez cedo, talvez tarde. Será, contudo, quando houver bastante cultura e sólida independência entre as mulheres para que se considerem indivíduos.

Só então, cremos existir uma civilização melhor.

Não somos feministas.

E, se dizemos entre mulheres, é tão somente por serem elas que, no lar e na escola, lançam as pedras básicas, o alicerce da moral do indivíduo futuro.

São elas que amalgamam o caráter informe, modelam, ajeitam, retocam, infiltrando-lhe no espírito crédulo, dócil, dúctil e cândido, as leis morais e sociais que, indelêveis, afixarão e pelas quais se dirigirá o homem, quando a evolução natural o atirar no mar encapelado da sociedade.

Tem feito muito a Mulher, levada pela sensibilidade natural, por este quid divino que empresta às mães o dom da intuição.

Falta-lhe, porém, na quase totalidade dos casos, o conhecimento das agruras da vida e das mil-e-uma tempestades a que está sujeita a melhor das criaturas.

A alma feminina se tem deixado estagnar, por milhares de anos, numa inércia criminosa.

Enclausurada por preconceitos odiosos, destinada a uma ignorância ímpar, resignando-se santamente, candidamente, ao deus Destino e a sua congênere Fatalidade, a Mulher tem sido, de verdade, a **mais sacrificada metade do gênero humano**

Tutelada tradicional, irresponsável pelos seus atos, boneca-bibelot de todos os tempos, não possui firmeza bastante, para transmitir aos educandos, sentimentos que lhe dêem o conhecimento pleno de todas as angústias, e possíveis casos, frutos do egoísmo humano, que o amor à Humanidade, manda abater sem vacilação, abater sempre, até o triunfo integral, o qual não é do que dispõe de mais força, mas do que melhor sabe terçar as armas.

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". República, 13 de março de 1932.

Não sei que escritor diz que a criatura, para concretizar o fim a que se destina moralmente, deve conceber a vida como uma roseira, cujas flores se acham, sempre, acima — de sua cabeça e fora do alcance de seus braços.

Na verdade, assim se poderá ascender.

E a vida deve ser, tem de ser, para a sua finalidade integral, uma escalada para a Perfeição.

Viver fora do objetivo de colher as flores morais que um simples impulso de braço não deve ser suficiente para alcançar, é conduzir-se fora da espécie humana.

Entre os espíritos femininos conscientes do seu idealismo elevado, fora da órbita comum, encontra-se inegavelmente, a sra Maria Lacerda de Moura.

Esta senhora é, na verdade, como, com acerto, já foi julgada, **um fenômeno mental na literatura feminina brasileira.**

Não pode deixar de constituir um fenômeno a sua fuga à tradicional literatura feminina, a literatura de ficção, essa literatura romântica à Delly, para embrenhar-se nos sérios e delicados problemas sociais.

Escritora harmoniosa, as idéias lhe saem da pena, num estilo que não cansa, mas empolga pela naturalidade, por uma beleza intrínseca.

Sente-se-lhe a alma, no próprio pensamento, livre, sem peias, sem medir conveniências, sem temer borrascas, sem o desejo destruidor de satisfazer a "tout le monde".

E, quando as borrascas se desencadeiam, convicta de que "o entendimento retém a ira, e a glória é passar sobre a transgressão" (Prov. 19,11), a nobre escritora, aos seus presentes e futuros insultadores, retribui-lhe as injúrias, com o silêncio bom de uma piedade imensa, tão alta, que não quer humilhar.

Se são admiráveis as idéias deste talento excepcional, muito mais admirável é a coragem, o destemor, a ousadia de rebelde com que as diz, o desassombro com que focaliza tudo quanto lhe parece mau, torto, apodrecido, embora seja a sua voz, uma voz isolada dentre o grande número dos que conhecem as ruínas do edifício carcomido da nossa civilização, mas que, apegados ao comodismo, ao egoísmo demolidor, se deixam ficar de braços cruzados e mentes fechadas.

Maria Lacerda de Moura não é o que, na acepção vulgar do termo, se chama uma feminista.

O seu ideal paira mais alto, porquanto no seu lindo sonho de liberdade, deseja a reabilitação integral do imenso rebanho dos domesticados.

Lendo-a, embora não se lhe esposem as idéias, embora não se lhe comunhem dos pensamentos, é impossível não admirar a individualidade com que escreve, a sua serenidade diante das borrascas, desencadeadas pela sua pena rebelde, (como a de 1928, cujos ecos ultrapassaram as fronteiras); é impossível não admirar, mais ainda, o alto objetivo que a anima, num anseio e profundo "esforço para mais Harmonia e mais Amor".

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". República, 10 de abril de 1932.

O Magistério Catarinense e o decreto 231

Não há quem de boa vontade ignore que a célula mater da nacionalidade é o magistério, pelo seu silencioso, mas incensurável trabalho construtor, único capaz conseguir o levantamento integral dos povos.

O decreto nº 231, de 9 do corrente, do sr. Interventor, diz no seu artigo I, letra e: "Para a primeira nomeação, dar-se-á preferência ao candidato de comprovada boa saúde que houver obtido as notas mais altas na escola que cursou."

É a mais bela vitória que podiam esperar os estudiosos.

Até agora, pelo menos em lei, o esforço dispendido pelo aluno durante o seu tempo de curso, não teve merecimento, valor algum, para a vida prática.

O regime de pistolão destruía todo o mérito, sufocava todas as atitudes vitoriosas, aniquilava todas as conquistas, acumuladas, pacientemente, e guardadas com carinho.

Se é preciso uma rigorosa seleção entre os que vão entrar para o sacerdócio do magistério, como se poderá fazê-la senão pelo atestado de sua cultura?

É o caminho lógico, claro, único, perfeito, por onde devem seguir todos os bem intencionados.

Mas os piores cegos são os que não querem ver.

Diante do malfadado cartão de ingresso, não mais cairão, murchos e escarnecidos, os sonhos que as conquistas nos bancos escolares darão o direito de acalantar.

Abriram-se horizontes estimuladores. A vitória é da inteligência.

O decreto 231 merece louvores pela elevação de vistas com que foi feito e pelas conquistas trazidas ao magistério, na seleção futura dos seus elementos.

Muitos nos dirão: "Não é tudo". Convenhamos.

Todavia, apliquemos aqui, o ensinamento do nosso professor de Física e Química: "A natureza não dá daltos".

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". República, 17 de abril de 1932.

19

Na vida, onde o minuto futuro é interrogação, onde as criaturas mais cultas não passam de crianças, sem vontade e sem razão, nas mãos de Deus, há um momento em que a alma se confrange, receosa de tudo.

Neste instante, a névoa espessa que a envolve e lhe dificulta os passos, névoa que é o limite entre o humano e o divino, parece intensificar-se, como para aumentar-lhe a angústia.

Há vacilações e tormentos, quando, levados por todas as forças que se convencionou chamar Destino, chegamos nos pontos, onde as estradas se cruzam, onde se começa novo ciclo de vida.

Oh! as encruzilhadas do Destino...

Como se manifesta, então, com impetuosidade, intenso, o anseio de Felicidade, latente em todos os seres!

Como se sente a tortura desta cegueira, com que Deus, numa soberba manifestação da sua sabedoria infinita, negou ao homem, a graça de conhecer além do passo dado, do minuto presente!

Como se desdobram as criaturas, em cuidados, para a tentativa duma análise, duma investigação, para a certeza dum triunfo.

E as encruzilhadas aí estão, frias, mudas, impenetráveis esfinges de todos os tempos.

A criatura, embora poderosa, embora tenha a seus pés, rastejante, toda uma multidão, sente, neste instante rápido, mas grandemente vivido, de agonia infinita, o desvalor de tudo quanto a cerca, quando defronta com as forças misteriosas, a que se prendem os seus passos.

E, torturada e cega, crucificada no desespero da dúvida, impulsionada pela Esperança, farol anímico de todos os tempos, tateando, ela envereda por uma das estradas, e penetra na densa névoa, que, à sua passagem, magicamente se desfaz, em demanda de novas encruzilhadas, fim e início de novos ciclos da tortuosa passagem.

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". República, 15 de maio de 1932.

Os jornais nos dão a nova alviçareira de que o Governo acaba de assinar o decreto regularizador do trabalho feminino.

Enfim. Já era tempo.

Foi preciso que o Brasil idealista se levantasse num movimento de cataclismo, para que a mulher indivíduo tivesse, em lei, a garantia do seu esforço.

Não queremos saber se essa medida faz parte básica dos programas comunistas, como nos dizem os telegramas.

Para nós, ela se acha dentro do mais são e mais nobre princípio de eqüidade.

Se o trabalho é o mesmo, por que se deprecia o esforço feminino, ou explorá-lo, pagando menos?

O império das circunstâncias da vida de hoje não permite que na classe proletária e na média, mesmo, as mulheres desempenhem, tão somente, o cômodo papel de donas de casa, ou de mãe de família.

É preciso trabalhar.

Todavia, a antiga maneira de gratificar o trabalho das mulheres colocava-as numa concorrência desleal para com os homens, visto haver, em todas as camadas, criaturas inescrupulosas.

A necessidade, porém, não conhece leis, como disse o grande mestre Vieira.

E elas, as sacrificadas de sempre, sentindo-se, embora enganadas, deixavam-se levar.

Daí, a grita, não sem razão, levantada pelo sexo oposto.

Aqui, em o nosso Estado, nós tivemos, até pouco depois do Congresso dos Professores, reunido nesta Cidade, em 1927, esta iniquidade gritante, revoltante, no magistério estadual.

Os professores, não sei por graça de que santo, tinham vencimentos maiores do que as professoras!

A trabalho igual, a esforço igual, as prerrogativas do sexo facultavam um salário desigual!

Era o "nec plus ultra" do egoísmo!

Tudo isto nos convence, cada vez mais, do extraordinário egoísmo que envolve a alma masculina, egoísmo que a civilização a pouco e pouco, na sua marcha evolutiva, tem de, fatalmente abafar, tirando aos olhos dos homens, a venda que lhes nega as possibilidades de serem — os de boa vontade.

O assunto do decreto em questão, pode estar enquadrado entre as leis com que se levanta a legião vermelha, mas isto não é o bastante para bani-lo das consciências liberais, das que vêem nos que buscam concretizar as palavras divinas — "Comerás do suor do teu rosto" — não homens e mulheres, mas criaturas, simplesmente criaturas.

Se não é lícito, não é digno apoderarmo-nos da propriedade alheia, se esse ato é e deve ser castigado, por que usurparem o trabalho das mulheres, depreciado por um hábito muito vesgo e tradicional?

E a nós parece haver no gesto do Governo, regularizando o trabalho feminino, alguma semelhança com o gesto do Profeta

da Fraternidade integral, quando disse: "Dai a César o que é de César."

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". *República*, 22 de maio de 1932.

Não se pode negar, Santa Catarina tem progredido quanto ao ensino superior.

O Instituto Politécnico, com os seus cursos de engenharia e farmácia, já reconhecidos pelo Governo Federal, e com outros que, também, esperam sê-lo, e a Faculdade de Direito, há pouco fundada, atestam aquela nossa afirmativa.

Há, contudo, uma grande lacuna na matéria de ensino: a falta dum ginásio, onde a Mulher possa conquistar os preparatórios, bilhete de ingresso para os estudos superiores.

O elemento feminino vê, assim, fechados, diante de si, todos os grandes horizontes.

O excelente Ginásio que possuímos, não permite à Mulher, a assistência das aulas.

Daí o recurso dos professores particulares, o que exige um grande dispêndio e dá margem a que só as favorecidas da fortuna consigam ou possam conseguir a aquisição dos preparatórios.

Esta lacuna, portanto, é uma grande barreira ao progresso cultural das nossas conterrâneas.

O máximo de ilustração oficial, proporcionando às Mulheres, em Santa Catarina, está restrito a um curso de normalista e nada mais.

Fora disso, enquanto não despertarem as criaturas de boa vontade, numa obra conscienciosa e perfeita, todos os outros sonhos, todos os outros desejos de cultura titulada, por parte da maioria das catarinenses, não passarão de vã quimera, desfeita ao vento impiedoso da realidade, como bolhas de sabão.

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". **República**, 12 de julho de 1932.

As feministas brasileiras estão vencendo a última etapa, na campanha por que tanto se bateram: a conquista dos direitos políticos.

Não encontramos, na concessão do voto à Mulher, nada mais que uma interpretação certa à letra da nossa Constituição de 91.

E, se esse triunfo não nos deixou indiferente, sem sermos feminista, foi por ter ele sido alcançado pela força do direito.

As conquistas sólidas dos Ideais são as que se fazem sobre os alicerces da Razão, rompendo trevas, fazendo luz, com tato, sem as discórdias que enfraquecem, sem os interesses subalternos que amesquinham e aviltam.

Não fazemos coro com a legião dos conservadores, os quais, diante de quaisquer inovações de idéias e costumes que trazem à monotonia dos dias, alguma coisa de novo, se rebelam, e, frios, imóveis, tentam resistir à vida que é movimento, evolução, progresso.

Não compreendemos, mesmo, a grita, levantada contra a porta, aberta ao sexo fraco, pelo direito do voto.

E isto, porque, diga-se entre parênteses, Mulheres na política, em nosso país, sempre as houve.

Não há novidade, pois, a não ser que abandonam os bastidores, para se apresentarem em público.

Todavia, infelizmente, nem tudo a que temos direito, estamos aptos a fazê-lo.

E não é justo que, criticando um mal, procuremos engrossá-lo.

As leis não são feitas para exceções, mas para as Coletividades.

Daí a necessidade da educação das massas, para que os atos correspondam aos intentos, para que o real seja a imagem, mais ou menos, perfeita do sonho.

Não descremos da sinceridade da Mulher brasileira, mesmo porque todas as vitórias empolgam, de começo, os que as alcançam.

Entretanto, afim-de-que o **eleitorado fraco** seja consciente, é necessário integralizá-lo no conhecimento das suas responsabilidades.

A Mulher brasileira por influências e causas múltiplas não se encontra, na sua maioria, ainda, na altura da norteamericana, nem da européia.

Não é que ela tenha nascido para o lar, como querem os que se firmam na tradição, por hábito ou por comodidade; não é que lhe falte inteligência.

O que se lhe nota de imperfeito é consequência do nosso defeituoso sistema educativo.

Antes de tudo, pois, agora que novos e largos, e sérios horizontes se lhes mostram em perspectiva, é necessário dar à maioria das brasileiras, todos os retoques precisos para a sua completa cidadania, baseada na independência, baluarte forte

da individualidade.

Só então veremos, inteiramente sazonados os frutos do esforço hercúleo da plêiade feminina que luta pelos Direitos da Mulher, na esperança duma Humanidade melhor.

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". República, 17 de julho de 1932.

Às crianças da minha terra

"Viver é transformar o coração numa ânfora enorme e despejar perfumes de amor por toda a parte onde respire uma criatura".

Maria Lacerda de Moura

A preocupação máxima dos idealistas, daqueles que, fugindo à onda volumosa de materialização, na qual a Humanidade naufraga, colocam a existência em esferas mais elevadas, é a FRATERNIDADE.

Não esta fraternidade caricata, em que os homens não se devoram, por lhes faltar oportunidade; em que se abraçam e se armam, ao mesmo tempo, sempre à espera dum imprevisto, mas a fraternidade oriunda do conhecimento recíproco dos povos; mas a fraternidade baseada na estima, fruto desse conhecimento; mas a fraternidade escudada no ímã poderoso da inteligência.

Para o alcance deste amanhã cor-de-rosa, correm, lutam, trabalham todos os que compreendem a finalidade da vida cuja rota deve ser de ascensão.

A planície, a princípio, nos encanta, todavia, logo depois, pela imutabilidade, enche-se de monotonia.

Só as escaladas às montanhas permitem devassar cenários, constantemente renovados, porquanto se vê, sempre e sempre, um

pouco mais.

E à proporção que nos encantamos pelas lindas paisagens devassadas, o coração genuflexo, alarga-se-nos num grande desejo de paz, de fraternidade para todos os seres.

As crianças catarinenses acabam de receber a visita gentil de confraternização das crianças de dois povos do Continente de Colombo — chileno e salvadorenho — por intermédio do distinto casal de pensadores — dr. Agustín Venturino e d. Alice Lardé de Venturino.

Que este exemplo dignificante de elevação moral e cultural dos dois povos americanos fique indelével na alma carinhosa e agradecida da infância barriga verde, para que, quando os anos lhe permitirem, possa apreciar toda a beleza do gesto fidalgo dos povos que nos estendem os braços, num grande anseio de fraternidade.

O futuro será da inteligência.

E a grandeza dos países se contará, não pelos seus soldados, mas pela cultura de seu filhos.

Então, será possível às criaturas, em qualquer canto do Universo, sob qualquer bandeira, encontrar um pedaço da pátria e a bênção da sua bandeira.

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". República, 16 de agosto de 1932.

Ninguém resiste à força centrípeta da beleza, porque só é belo o que é perfeito e, em toda perfeição, há vestígios de divindade.

O contato com o Belo desperta o artista existente em cada criatura.

E a alma que contempla, insensivelmente, se enternece.

E, quando passa o que nos encantou os olhos e o ouvido, a sua lembrança, guardada religiosamente, pela nossa sensibilidade artística, aquieta-se de mansinho, nas alamedas interiores, e como que adormece.

Um gesto é suficiente, para que ex-surja.

Havia nove anos que ouvíramos Margarida Lopes de Almeida.

Dos seus recitais, ficou em nossa alma o fascínio que só a beleza cria e o tempo não pode apagar.

Foi, pois, com ansiedade, que contamos os minutos, em a noite de quinta-feira, para tornar a ouvi-la.

A arte de dizer é, entre as demais, ao nosso ver, a mais difícil.

O pintor, o escultor, o poeta, pinta, esculpe, cinzela e escreve, procurando realizar o seu próprio pensamento, objetivar o sonho que a imaginação criou.

O que, tão somente, diz, tem de interpretar o pensamento alheio.

E, para consegui-lo, é preciso que a sua natureza divina, insufle, na frieza esfingética da palavra, o sopro anímico, vivificador.

Margarida possui este maravilhoso poder.

Ela penetra, com uma sutileza admirável, nas almas dos poetas, do verso e da prosa: esquadrinha-a e infiltra-se no pensamento criador, integraliza-se na sentimentalidade produtora, e por um prodígio de expressão, transmite às platéias, toda a beleza sentida, fazendo com que vibrem de entusiasmo incontido, diante da perfeição absoluta.

A sua voz de tonalidades infinitas, e as suas maravilhosas mãos tecem, em torno de nós, uma teia suave, muito suave, que nos prende acarinhadoramente, e de que não tentamos fugir — a teia do sonho.

Enquanto isso os bilros dançam, tratam asas de pombos, nos seus vãos; a caranguejeira tece, pacientemente, a prisão do incauto besouro, e a Mãe Preta canta lugubrememente, soturnamente, embalando o sinhô-moço — para não falarmos em todo o programa.

Lindo o destino das ditrizes: banhar-se da luz deslumbrante do sonho, engolfar-se na sua beleza, senti-la e disseminá-la às mancheias, nababescamente, fazendo-nos compreender a magia capaz de dar às criaturas o dom de "entre raios, pedradas e metralhas, ficar gemendo, mas ficar sonhando".

Bendito o destino das ditrizes; espalhar nas almas das criaturas, a beleza do sonho, "que é tudo", do sonho, "poeira de ilusão", que, embora momentaneamente, esbate a amargura da vida e dulcifica a aridez da caminhada!...

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". República, 23 de abril de 1933.

"No suor do teu rosto, comerás o teu pão, até que tornes à terra."

Gên. 3, 12

Quando se fecharam para as primeiras criaturas, as graças infantis do Paraíso, diz-nos a Bíblia, foi-lhes imposto, como dever, em a nova fase vital, o "No suor do teu rosto, comerás o teu pão."

Adão e Eva perdiam a sinecura esplêndida do Paraíso, para serem eles mesmos.

Dalí em diante, seriam o produto do seu esforço.

Assim, o trabalho nada mais é que o marco indelével da individualidade humana.

Ele representa o dever máximo, na vida de cada um, dever que conduz as criaturas à mais gloriosa das conquistas — a independência moral, a independência material, — sem as quais a independência política não passa de sonho literário.

O que trabalha, procurando formar a sua própria personalidade, individualiza-se, e, dentro de qualquer prisma, sob qualquer hipótese, é, sempre, o senhor dos seus atos, homem sem muletas, de consciência livre, pois que troca pelo pão que come, o seu esforço físico ou intelectual.

Precisamos convencer-nos de que o trabalho não é casti-

go, não é infortúnio, não é maldição; mas glória, pelo seu poder construtor, pela influência na formação do caráter individual; mas felicidade e bênçãos, pela fartura que espalha, pelo bem que produz pela alegria que dissemina; mas prece, oração, que põe a alma genuflexa e contrita, na escola ou na oficina, diante dos livros ou das máquinas, empunhando-se a pena, ou das pesadas ferramentas, em todo lugar, onde se transforme um esforço num pouco de pão.

Todavia, nem só dever é o trabalho, mas também direito, assegurado pela necessidade que se tem, de viver dentro da ordem e da moral.

E, por ser direito e dever, sem transplantações as mais das vezes, inaclimatáveis, cada povo deve, dentro da realidade nacional, criar leis que assegurem este direito, para que se realize o lindo sonho da existência de pão para todos os seres que procuram ser indivíduos, cumprindo o mais nobilitante dos deveres — comer do suor de seu rosto.

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". República, 30 de abril de 1933.

Hã, sempre, no coração humano, alguma cousa, migalhas, átomos, talvez, daquele doce sentimento de fraternidade, com que Cristo palmilhou a sua estrada...

É que nem tudo passa, embora se modifique.

Assim, de quando em vez, os gemidos da miséria, da fome, dessa cousa que Vieira julgava o mais absoluto império, dominando os viventes, chegam até os favorecidos da fortuna.

E, sob o pretexto de se fazerem calar ou sorrir os desgraçados, organizam-se festas, depois das quais, cai, nas mãos súplices, alguma cousa com que enganarão, por dias ou por instantes, a víscera incontentável, rebelde e exigente, por excelência — o estômago.

Que importa, porém, aos que recebem, que essas almas caridosas, infinitamente boas, se tenham divertido um pouco?

Que lhes importa que a sua dor desse margem a divertimentos?

Se Humanitas precisa comer, tem necessidade, também, de esquecer, embora por curtos instantes, a vida, que no fundo, é terrivelmente, má, para todos, como filosofaria Quincas Borba.

Sem o sentirem, as criaturas se estudam profundamente, e chegaram à conclusão acertadíssima de que, as mais das vezes, as bolsas sã se abrem, podendo os donos tirar desse gesto, algum proveito.

Entre nós, anunciam os jornais, organizou-se uma comissão, com o fim, verdadeiramente admirável, de combater o Frio e a Fome.

Só esse objetivo chegava para desafiar-nos palmas.

Mas essas criaturas foram além, e, numa compreensão lindíssima da mais perfeita caridade, escondem-se.

Florianópolis precisa dar seu inteiro apoio a essa campanha de saneamento material e moral.

Dar pão e roupa aos infelizes; ir-lhes ao encontro das necessidades, evitando-lhes a tortura de pedir, evitando que pais inescrupulosos explorem o que há de mais lindo e puro na vida — a infância, evitando os frutos péssimos que, forçosamente, advirão desta legião infantil, criada e educada ao Deus dará — eis o grande projeto.

Esta iniciativa, duplamente caridosa, faz-nos lembrar a imperiosa necessidade da ressurreição da Caixa de Escolas.

Que as autoridades aproveitem a iniciativa da campanha altruística, o gesto suave dessas criaturas que se esbatem na sombra e restabeleçam a Caixa, dando trêguas ao doloroso desfile dos sábados!...

O caminho está aberto.

Se "todas as cousas más acontecem", as agradáveis, as lindas, as úteis, também podem realizar-se quando há boa vontade.

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". República, 27 de agosto de 1933.

Hã, por todo este Brasil, horizontes sem fim, em perspectiva, diante das capacidades femininas.

A Mulher avança, a passos rápidos, na conquista de todos os direitos, embora a sua pretensão à política representasse um fragoroso fracasso de estréia.

Foi o começo e todo começo é árido.

A evolução natural dos povos tinha de derrubar e arrastar, diante de si, a muralha gigantesca das convenções que espíritos amantes do tradicionalismo queriam à viva força conservar.

Na derrota feminina nas eleições para a Constituinte, não vimos, como disse grande escritor patricio, a maldade das mulheres para com as mulheres, mas, simplesmente, o que temíamos — a falta de independência moral em que, sempre, se acorrentou o sexo fraco.

Os frutos da Rotina não se despedaçam com simples golpes da audácia.

São precisas marteladas infinitas, dissabores sem conta, para que se vislumbre um raio de luz, em tão intensa treva.

Se na política, onde tudo não depende sô dos interessados, o fracasso tinha de esperar-se, o mesmo não se dá nas conquistas dependentes da inteligência.

E a nós o que entristece, é ver o doloroso suplício de Tântalo imposto pela inércia dos nossos, à mocidade feminina catarinense.

Enquanto as moças dos outros Estados conseguem, facilmente todos os seus desejos relativos à instrução, as catarinenses são enclausuradas dentro da pequenina cultura dum Curso Normal que não lhe dá mais regalias senão a de serem professoras.

Os preparatórios ginasiais tornaram-se, hoje, a chave para o ingresso em todos os estabelecimentos superiores de cultura artística ou não.

As moças catarinenses, a não ser as que dispuserem de grandes recursos financeiros, estão impossibilitadas de se aparelharem para as grandes conquistas.

O nosso Ginásio não permite que o sexo fraco freqüente as aulas.

E não se cogita de regularizar esta situação.

A vida que se multiplica, e que, cada vez, se torna mais difícil para quem deseja vencê-la, exige um desdobramento completo de energias e capacidades.

Como fazê-lo, se nos tolhem todos os movimentos?

Se, dificultando-nos os meios, nos obrigam a paralisar as capacidades latentes?

Se não nos permitem o desenvolvimento cultural, amplo, com regalias, assegurados pelo direito?

E a mocidade feminina de Santa Catarina olha, com mágoa, toda a conquista das irmãs dos outros Estados, onde proliferam os meios de triunfar na vida e da vida, com a única arma capaz de engrandecer todos os povos — a da inteligência.

Tantalizadas, as moças queixam-se do amargor do castigo, e procuram aninhar-se dentro da realidade triste e insofismável, como se encarassem a vida com filosofia.

Onde se acharão as criaturas de boa vontade que lhes permitirão, ou facilitarão o acesso às fontes inesgotáveis do saber?

Onde achá-las, neste "deserto de homens, e de idéias" e de vontade de ser bom?

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". *República*, 03 de setembro de 1933.

A vida só alcança a sua inteira finalidade, quando tem a iluminá-la uma instrução consciente.

Daí a bênção que chove sobre todos os que, investidos do poder, numa compreensão nítida dos seus deveres, procuram dilatar os horizontes educacionais.

Os frutos do futuro serão colhidos nas árvores plantadas no presente.

É preciso, pois, que trabalhem com amor, a fim de conseguirmos sorrir, quando, cansados já, diante da fatura encontrada pelos vindouros.

Santa Catarina, em matéria de instrução é um dos pioneiros do Brasil.

Os nossos dirigentes, em geral, têm encarado o problema da educação popular com especial carinho.

E nisto está a manifestação insofismável de larga visão de administrador.

Atualmente, falam-nos os jornais, cogita-se da construção de novos grupos escolares.

Só merecem louvores estas iniciativas.

Todos nós os que acompanhamos, com interesse, os surtos progressistas da instrução, sentimos a necessidade da uniformização do aparelhamento escolar.

Que todas as crianças do Estado gozem do mesmo conforto!
Que não tenhamos salas de visita em matéria de ensino público!

A construção de novos grupos escolares é um passo para esta conquista.

Tudo se vence e se alcança, quando se tem a iluminar a estrada, ainda a mais difícil e tortuosa, a resplendente e maravilhosa boa vontade.

Todavia, entre nós, alguma coisa está a merecer a atenção dos construtores dos novos e ascendentes rumos: — é o professor.

O aparelhamento escolar mais moderno e pedagógico será nulo, se não for eficiente a ação do professor.

É ele quem impulsiona as criaturas para as futuras conquistas anímicas.

Em nosso Estado, é inegável, há uma grande atração pela missão sublime de trazer à tona, as jóias ocultas, criminosamente, no lodoso mar da ignorância.

Não queremos, com isso dizer todos os que a abracem, sejam professores vocacionais.

É já, no entanto, muita coisa a compreensão da responsabilidade que cabe à escola, no destino das sociedades vindouras.

E o capricho e a consciência chegam a suprir o erro.

Mas, se não só de pão vive o homem, também não se vive sem ele.

Os educadores devem ter "assegurado, incondicionalmente todo o bem estar material de que necessitam", diz Ingenieros.

E, tanto maior é a despreocupação material, tanto mais proveitosa é a sua missão.

Os reduzidos vencimentos dos nossos professores públicos obrigam-nos a dispersar energias com aulas particulares, a fim de vencerem, com desafogo, os compromissos assumidos.

E mais ainda: A evolução natural dos povos está a exigir leitura contínua, para que se não fique com uma cultura, por assim dizer, fossilizada.

Como adquirir livros com os míseros vencimentos de professor?

Sabemos que **não há dinheiro capaz de pagar o trabalho do Mestre**, todavia a situação financeira do professor está a merecer a atenção dos nossos dirigentes.

E, tendo em vista o alto critério com que têm agido, esperamos vê-la sanada, nesta transformação por que passa o país.

E, então, quando o professor puder fazer do agradável mister de educar, a sua preocupação única, marcharemos com segurança, para os mais soberbos resultados da sublime sementeira.

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". **República**, 05 de novembro de 1933.

Professora:

Trata-se da morte das nossas faculdades intelectuais.

Querem dar-lhe ópio, éter ou qualquer outro entorpecente, na forma de um decreto, para que entremos a dormir, agora e sempre, com o sono sossegado e povoado dos mais risonhos sonhos, na doce paz do lar.

Diz o livro sagrado, Deus só furtou uma costela de Adão, porque não achou bom que ficasse sozinho no Paraíso.

A costela, hoje, que já muito evoluiu, não quer saber se se trata de Paraíso ou não. É preciso, goste ou não o zinho, (sic!?) ela se põe ao seu lado.

Mas, agora, ao que parece, descemos de escala. Vamos para os irmãos inferiores. É o caso: Quem tudo quer, tudo perde. Não avançássemos tanto.

Antes de se conseguir meter as faculdades pensantes das Mulheres na forma em projeto, é preciso nulificar todo o trabalho feito, é preciso torná-la novamente ignorante. Conseguirão?

Só depois disso será possível domesticá-la em edição nova.

A responsabilidade de tudo isto, que anda por aí anarquizado, cabe a quem oferecer à costela de Adão melhorada, o-